

LITERATURA COMPARADA NO CANADÁ E BRASIL:
UM INTERESSE COMUM

Tania Franco Carvalhal

Com a aproximação do final deste século, as modificações por que nele passaram os estudos literários, particularmente a partir dos anos 50, ficaram mais nítidas e suas contribuições podem ser identificadas com objetividade. Os avanços da reflexão teórica sobre o literário, a atenção dada à participação do leitor no processo de produção permitiram, simultaneamente, um melhor conhecimento da natureza textual e dos modos de construção da literariedade. De um lado, ampliaram-se os instrumentais críticos, de outro, nossa atenção, desviada dos cânones estabelecidos, voltou-se para a escrita de mulheres, para os textos marginalizados, para as obras em tradução, abrindo em definitivo o leque dos objetos de investigação e da interpretação crítica. Em síntese, poder-se-ia dizer que à ampliação do campo dos objetos de investigação correspondeu a multiplicação dos modos de ler e de interpretar postos à nossa disposição.

Mas Northop Frye, desde o início dos anos 50, alertava para o que poderia acontecer se deixássemos a reflexão sobre o objeto literário suplantando esse mesmo objeto, esquecendo-o. Dizia, em *The Archetypes of Literature* (1951,9): "we may find that in our anxiety to write about literature we have forgotten how to read it." As idéias de N. Frye são bem conhecidas e ninguém leria essa frase como uma posição anti-teórica. Ao contrário, defendia ele a existência da crítica como a forma científica de estudo da literatura. Para ele, o que se apreende (e o que

se ensina) não é a literatura mas crítica literária, que pode ser um estudo sistemático e organizado, como propôs em *A Anatomia da Crítica* (1957). Na verdade, queria ele era manter a presença do objeto “literatura” em uma posição central, como dirá: "The texture of any great work of art is complex and ambiguous, and in unravelling the complexities we may take in as much history and philosophy as we please, if the subject of our study remains at the center."

Nesses últimos anos, a lição de Frye foi muitas vezes esquecida e retomada, como se sabe, ao sabor das correntes. Ela vigorou sobretudo nos momentos em que os teóricos se afastaram do estudo das obras literárias para se movimentarem apenas no universo dos conceitos. Hoje percebemos com clareza que quando N.Frye estabelecia arquétipos textuais ou mostrava como Blake lera o *Livro de Job* (em *Blake's Reading of the Book of Job*, inserido em *Spiritus Mundi*, 1976) estava a explorar as reincidências e transformações de gêneros e de convenções que conformam as tradições literárias ocidentais em suas grandes linhas. Estava, enfim, a nos esclarecer sobre como se constrói esse amplo universo relacional a que convencionamos chamar Literatura.

Com efeito, das idéias de N.Frye, um comparatista “avant la lettre”, às teorias da textualidade (Bakhtin, Kristeva, Rifaterre, Barthes, G.Genette, Antoine Compagnon) e às da recepção literária (Jauss, Iser,etc) a ênfase no conhecimento das obras como um sistema articulado de relações (internas e externas) não deixou de se acentuar. A teoria do polissistema, de Itamar Even Zohar, levando adiante as propostas formalistas, fez ressaltar ainda mais as articulações que se estabelecem entre as diversas formas de expressão no interior de uma mesma literatura, valorizando a atuação da literatura estrangeira em tradução no interior de cada sistema literário. Essas articulações contínuas são capazes de explicar a constituição de cânones e sua desmobilização por intervenções externas.

No encaminhamento dado pelas diferentes correntes teóricas ao estudo do literário, não é de estranhar que uma disciplina como a literatura comparada, cuja forma de atuação primordial é a da “mise en

corrélacion" (pois explora as relações entre textos, investigando como se tece o intervalo entre eles), tenha recebido novo estímulo e crescido em interesse. Despida do traço historicista que caracterizou seus primórdios, então coerentes com os princípios dominantes no século XIX quando surgiu, a literatura comparada beneficiou-se duplamente das modificações introduzidas nos estudos literários nos últimos tempos: aproveitou os avanços teóricos, ganhando mais consistência e fundamentação adequada para seus modos de atuação, e ainda se consolidou como forma de indagação apropriada à exploração das redes de conexão entre textos e entre literaturas. Além disso, o processo de globalização que vivemos ao final deste século favorece os estudos que dão conta de fenômenos como o multiligüísmo e o pluralismo cultural.

Mais recentemente, a frequência com que encontramos a designação "estudos comparados" a substituir a de "literatura comparada" está a dizer tanto de sua adesão a práticas interdisciplinares (ou multidisciplinares) quanto de sua aproximação aos *cultural studies*.

Nesse contexto, a definição que Henry H. Remak propôs para literatura comparada ganha ares proféticos com relação às formas que ela iria assumir neste final de século. Dizia ele em 1961 no volume *Comparative Literature: Method and Perspective*, organizado por N.P. Stallknecht e H. Frenz:

Comparative Literature is the study of literature beyond the confines of one particular country, and the study of the relationships between literature on the hand and other areas of knowledge and belief, such as the arts (e.g., painting, sculpture, architecture, music), philosophy, history, the social sciences, religion, etc., on the other. In brief, it is the comparison of one literature with another or others, and the comparison of literature with spheres of human expression.

As relações que se estabelecem, então, entre literatura e antropologia, literatura e história (ou com um “new historicism”), literatura e psicologia, literatura e formas de expressão artística (cinema, música, artes plásticas), literatura e não-literatura, etc. dão à investigação comparatista um novo escopo e nova destinação. Passa ela a exercer uma atuação específica no campo dos estudos literários, (seja interliterária, interdiscursiva ou interartística), privilegiando a estratégia dos confrontos e das aproximações, utilizando a fundamentação de várias teorias, desde a análise formal e estruturalista ao desconstrucionismo.

Se se quer aqui ressaltar a associação entre reflexão teórica e literatura comparada e, ainda, aludir às razões que explicam o ressurgimento da disciplina e sua rápida institucionalização neste final de século, integrando, muitas vezes, esses estudos em departamentos de Teoria literária e Literatura Comparada, onde a referida associação melhor se concretiza, tem-se também em mente aproximar Brasil e Canadá no quadro atual dos estudos comparatistas.

Um interesse comum

Uma primeira consideração beira o óbvio: o interesse que há em desenvolver estudos comparatistas nesses dois contextos. Países que se configuram com uma unidade socio-cultural complexa e pluralista, resultante dos processos de colonização e de imigrações continuadas, são campo propício ao desenvolvimento de reflexões que confrontem analogias e diferenças e que examinem as várias forças que movem e interagem no processo da construções de identidades. Malgrado as distinções de início, quer dizer, a distância no tempo do período de conformação e a maior complexidade que as relações entre metrópole-colônia adquiriram no Canadá, com a coexistência de dois pólos europeus em um mesmo país, os procedimentos de afirmação de identidade cultural e de busca de autonomia literária podem ser facilmente relacionados nos dois contextos.

Tal aproximação explica a curiosidade sempre despertada nos intelectuais canadenses pelo modernismo brasileiro em sua vertente antropofágica. A antropofagia, entendida como um processo seletivo de absorção e diluição do estrangeiro, é vista do exterior como metáfora de apropriação paródica, que caracteriza os procedimentos criativos em literatura. Procedimentos que não são simples empréstimos, resultantes em cópia ou imitação, segundo uma ideologia da colonização (em moda nos anos 60) na qual se reproduz sem inventar, mas são verdadeiras construções novas e originais pela deformação a que submetem os modelos estrangeiros. As obras decorrentes da nova configuração já não manifestam um procedimento de dependência cultural, ao contrário, expressam em si mesmas uma liberação.

Quer dizer, a deformação, como procedimento criativo, está a serviço da literatura de chegada, daquela que acolhe o elemento estrangeiro adequando-o às suas necessidades específicas. Nesse sentido, a metáfora antropofágica de uma deglutição canibalesca identifica a tensão e o conflito implícitos no procedimento produtivo. De “devorado” passa-se a “devorador” e a inversão no processo subverte a hierarquização anterior. O resultado, portanto, não é mais simples reprodução “do mesmo”, indicativo da continuidade sem interrupção, mas configura-se como “o novo”, expressão da ruptura. Essa definição pode servir tanto para a literatura brasileira em seu período modernista quanto para as literaturas de língua inglesa e de expressão francesa do Canadá. Assim, em um país como no outro, os movimentos de vanguarda exprimem essa rebeldia antropofágica, que é revolucionária e libertadora.

Por outro lado, o resgate das origens, a busca de valores perdidos, a tentativa de representação do habitante original, a valorização do índio e de uma vida mais simples e mesmo áspera em contato com a natureza exuberante, são formas de repovoar as grandes dimensões abertas e vazias, ao recontar um passado não conhecido, demarcando um início. A passagem da aceitação passiva à negação produtiva confere legitimidade ao processo de autonomia. Ainda nessa questão,

essas literaturas, separadas no tempo e no espaço, convergem na intenção. Daí o interesse continuamente suscitado no Canadá pela literatura brasileira e pelas demais literaturas latino-americanas, e disso decorre a aceitação fácil do Outro, também ele um *new born*, na expressão de Geoffrey Hartmann, ideal para designar o homem americano, acostumado às grandes planícies e às largas dimensões. Veja-se, nesse sentido de preocupações comuns, publicações como *Voix & Images - Littérature québécoise* (Dossier comparatiste Québec-Amérique Latine, Félix-Antoine Savard e Saint Denys Garneau (Org) n.34, outono 1986), *Études Littéraires*, da Universidade de Laval, e a *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos* (Universidade de Toronto), que é a publicação oficial da Asociación Canadiense de Hispanistas e existe há mais de 15 anos.

Se nos é fácil entender por que em um e no outro contexto, mesmo com suas diferenças culturais de base, o comparatismo logrou uma expansão rápida, também é compreensível que, como atuação espontânea, a prática do confronto acompanhe essas literaturas desde o início: a comparação, em ambas, surge como estratégia crítica para a atribuição de valor.

No Canadá, o salto dessa prática espontânea do comparatismo literário para a sua institucionalização nas universidades precedeu de pouco ao que ocorreu no Brasil. Mas lá, os “major programs of Comparative Literature” surgiram simultâneos à constituição da Canadian Comparative Literature Association, em 1968. Eva Kushner, em artigo recente e ainda inédito, intitulado *Comparative Literature in Canada: whence and whither?*, observa que

the rise of the Association is not unrelated to the frustration Canadian scholars felt in the early sixties with the procedures of the International Association in the preparation of congresses: Canadians were included in the U.S. quota and had no direct access to the selection process.

Esse descontentamento, claramente manifesto no Congresso de Belgrado, em 1967, originou a formação da C.C.L.A. a partir do ano seguinte. O primeiro congresso dessa Associação nacional ocorreu na Universidade de York, em 1969.

Confrontando com a situação brasileira, vê-se que a institucionalização da disciplina nos dois países é quase paralela. Nos anos 60 surgem os primeiros programas universitários de literatura comparada no Brasil, os da Universidade de São Paulo e da Federal do Rio de Janeiro. No entanto, a constituição da ABRALIC deverá esperar vinte anos mais para acontecer, em 1986, em Porto Alegre, onde realizou-se o primeiro congresso, em 1988, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mas não se quer aqui traçar apenas o paralelo dos primeiros passos da institucionalização da disciplina nos dois países. Ressaltados esses aspectos, interessa perceber que há similaridade nas linhas de investigação e nas formas de atuação comparatistas em ambos. Isto é, a evolução dos estudos de literatura comparada num e no outro país seguiram rumos aproximados porque ambas tinham como parâmetros os mesmos modelos, europeus e/ou americanos. Mais curioso para nós é a semelhança de preocupações expressa na natureza dos trabalhos realizados. Há, sem dúvida, nos dois países uma vinculação estreita entre a prática comparatista e as reflexões teóricas. Por isso, se desenvolvem largamente pesquisas no campo das traduções literárias, da intertextualidade, em *gender studies*, em análises do discurso social e político, de recepção literária mais do que estudos de fontes ou de influências. Poder-se-ia dizer, nesse sentido, que, para os comparatistas canadenses e brasileiros, como escreveu Wladimir Krysinski em *L'Intertexte du roman et l'espace comparatif*, no número especial *Romans et Intertextes I* da *Canadian Review of Comparative Literature* (dez.1984, 477): "L'espace comparatif présuppose alors de multiples démarches critiques de réversion. La raison de la comparaison est aussi bien l'analogie que sa négation ou que son dépassement par l'ordre problématique du fait littéraire". Além dessa similaridade de postura,

ressalta o interesse comum por questões culturais, pelos processos de apropriações, absorções e transformações de influxos, pelos textos de viajantes, pelo imaginário da descoberta, pela teoria da dependência e por textos pós-coloniais. A identidade de preocupações teórico-críticas no domínio comparatista pode ser identificada ao longo de vários números da *Canadian Review of Comparative Literature/ Revue Canadienne de Littérature Comparée*, dirigida por Milan V. Dimic, da Universidade de Edmonton, Alberta, onde se realizou o último congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/ICLA), em 1994. Sobressai igualmente, no Brasil e no Canadá, o interesse comum pela nova história ou pelas novas concepções de uma escrita da história. Mario Valdés e Linda Hutcheon, da Universidade de Toronto, em companhia de Djelal Kadir, da Universidade de Oklahoma, propõem, nesse sentido, uma *Comparative Literary History of Latin America*, projeto que envolve pesquisadores do Canadá, Europa, Estados Unidos e de toda a América Latina. As idéias centrais do projeto estão sintetizadas no ensaio *Rethinking Literary History - Comparatively*, de M. Valdés e L. Hutcheon (1994) onde explicam que “to re-think’ is not only to think again; it is to think anew”, no sentido de postularem uma concepção distinta da historiografia habitual, ou seja, daquela que se restringe ao âmbito de uma literatura nacional, conformando-se aos paradigmas tradicionais. Sob a inspiração de Fernand Braudel, em sua monumental *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, 15e-18e siècle* (1981), e da escola dos Annales, os autores do projeto observam que a “comparative literary history would move from this life as it is lived to how it is told.”

F. Braudel, como se sabe, chamou sua obra de estudo comparativo não apenas porque ela ultrapassava fronteiras disciplinares mas porque ela se apoiava no que ele designa como “dialética do passado e presente”. Estamos, pois, longe da concepção cumulativa de dados, que caracteriza a historiografia tradicional.

Também Northrop Frye, em *The Search for Acceptable Words*, de **Spiritus Mundi** (1976,6), chamara nossa atenção para a falência dessa

concepção historiográfica tradicional ao relatar sua experiência em Oxford: "I was dissatisfied with the methods of historical scholars who did not know any history. That is, who did not know the history of literature. There were many who knew dates and the numbers of the centuries and a certain amount of non-literary history, but who did not know anything about the actual development of the conventions and genres of literature itself." Ele previa, então, uma transformação no pensamento historiográfico a partir dos avanços teóricos, como diz a seguir: "I think that enough theoretical work has been done now to make visible a shift of emphasis, and that we are at the beginning of another phase of scholarship, based more solidly on a properly established critical theory of literature." Novamente N.Frye, da cátedra que ocupava no Victoria College da Universidade de Toronto, profetizara as modificações que caracterizariam os estudos historiográficos em sua orientação atual.

Na seqüência de reflexões como as de Fernand Braudel, Louis Gottschalk (*Understanding History: A Primer of Historical Method*, 1969, *History and Criticism*, 1985), de Michel Vovelle (*Idéologies et Mentalités*, 1985) e de Hayden White (*Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, 1973, e *The Content of the Form - Narrative Discourse and Historical Representation*, 1987), a historiografia literária ganhou nova configuração e recuperou o interesse no âmbito comparatista. No projeto em curso movido a partir da Universidade de Toronto, entendem os autores de *Rethinking Literary History-Comparatively* (1994,4) que "a comparative literary history would have to acknowledge the epistemological limitations that its hermeneutic situation creates: each historian will be situated, as a real person living in a linguistic and cultural community, and it is from that specific position that he/she can engage what phenomenologists call the horizon of the past."

Para o desenvolvimento dessa proposta, que intenta articular contextos culturais diversos sem negar-lhes a especificidade, associam-se pesquisadores de origem vária, em torno ao passado e presente das

realidades latino-americanas, motivando estudos de literatura comparada no Brasil e no Canadá.

Além desses projetos em andamento, cabe assinalar o interesse em promover estudos comparatistas entre as literaturas canadenses (quer dizer, entre suas duas literaturas “nacionais”) e a brasileira. Considerando os problemas em comum que elas enfrentam, particularmente a questão do regional e a das variedades culturais internas e os problemas de identidade cultural, o confronto dessas literaturas permite o estabelecimento de um campo de investigação comparatista específico. Wlad Godzich, em *Emergent Literature and the Field of Comparative Literature*, ensaio publicado no livro *The Comparative Perspective on Literature (Approaches to Theory and Practice)* organizado por Clayton Koelb e Susan Noakes em 1988, observa que "to comparatists the problem of field presents itself as a challenge to the historical construction of the discipline" (p.22). Nessa perspectiva, os estudos interliterários e interculturais no âmbito das Américas pode estimular uma redefinição de paradigmas vigentes constituídos com base nas relações entre Europa e América. Deste final de século, aos comparatistas brasileiros e canadenses, resta o desafio.